

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón por videoconferência de Milão, 19 maio 2021

Textos de referência: L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, Texto de referência: L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, Gerar Rasto na história do mundo, Paulus, Lisboa 2019; capítulo 3, ponto 3: «Um Povo continuamente desfeito e reconstruído» e os capítulos 1 e 2 do livro J. Carrón, Há esperança? O fascínio da descoberta (em preparação) disponíveis online no site de CL.

- *Mare nostrum*
- *Il mio volto*

Glória

Boa noite a todos! Ao trabalhar os dois primeiros capítulos do livro que propõe o conteúdo dos Exercícios da Fraternidade, muitos de vós ficaram espantados com o olhar sobre a nossa humanidade (marcada pelo medo, desconforto e angústia) que veio à luz "em grande estilo" durante a pandemia. Mas foram precisamente as circunstâncias da pandemia que nos tornaram conscientes de que o medo, o desconforto, a angústia, faziam parte da estrutura do nosso eu. A noite de sexta-feira dos Exercícios deu início a um caminho que fez descobrir todo um mundo a quem seguiu a provocação que foi lançada.

Uma amiga nossa, que está no Movimento há vinte anos, escreveu-me: “Depois dos Exercícios, momento de grande graça, senti uma dor enorme. Tu começaste por tratar de sentimentos profundos, como o medo, o desconforto, a incerteza, a angústia. “Tantos sentimentos que talvez nunca tenhamos confessado a nós mesmos sentir e sobre os quais pouco nos questionamos”. Em alguns grupos de Escola de Comunidade estes sentimentos encontraram agora um “direito de cidadania” e são tratados com muito espaço e respeito». E pergunta-se: «Porquê só agora?! Mostrar desconforto por muito tempo foi definido como "imaturidade". A tristeza era chamada "um passo teu" que tu precisavas de dar. Precisamos de uma "luz verde" para os reconhecer e falar deles? Esta é a razão da minha dor. Preciso que o meu eu esteja unido, seja verdadeiramente inteiro». Quer saber porque é que só agora se fala destes sentimentos. Isto para mim é estranho, porque a experiência do encontro com o Movimento foi precisamente o que me permitiu olhar para todo o meu ser humano. É o que *don Giussani* sempre nos encorajou a fazer: "Não temos de arquivar nada, [...] nem censurar, esquecer, negar nada" (*L'io rinasce in un incontro*. 1986-1987, Bur, Milano 2010, p. 55). Por isso, surpreende-me que persista esta dificuldade em olhar de frente para a nossa humanidade. Já num dos primeiros textos do movimento, *Traços de experiência cristã*, Giussani escreveu que um homem verdadeiramente comprometido consigo mesmo não pode evitar ter "uma experiência de impotência e solidão" (*O caminho para a verdade é uma experiência*, Tenacitas, Coimbra, p. 79). E o quinto capítulo d'*O sentido religioso* é um "festival" deste olhar humano: fala, de facto, de tristeza, solidão, espera, nostalgia. Portanto, é um facto que na proposta de *don Giussani* há um olhar completo sobre o humano - um olhar que tem a sua origem em Jesus -; ele introduziu-nos a esse olhar, como afirmou em 1998 na Praça de São Pedro (estudámos na Escola de Comunidade), citando a conhecida frase de Jesus: “Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se depois perder a sua alma? “. E comentava - com toda a capacidade de ternura que bem conhecemos -: «Nunca ouvi nenhuma pergunta ser-me feita assim, que me tenha deixado tão sem fôlego, como esta pergunta de Cristo! Nenhuma mulher

alguma vez ouviu outra voz falar do seu filho com semelhante ternura original e indiscutível valorização do fruto do seu seio [...] [senão] o judeu Jesus de Nazaré [...]. Só Cristo se interessa totalmente pela minha humanidade” (*Gerar rasto na história do mundo, Paulus, Lisboa 2019*, pp. 7-8). Mas pelo que diz a nossa amiga e pelo que muitos sublinharam ao começar a trabalhar os Exercícios, está claro que lê-lo nos livros não é suficiente para que esse olhar se torne nosso. É preciso descobri-lo na experiência.

Olá, boa noite a todos. Fiquei muito impressionada com a expressão usada por Rilke: “distraído pela espera”. Na verdade, mesmo cheia de compromissos e coisas para fazer, é impossível sufocar completamente a minha necessidade, porque acontecem factos que me provocam e me lembram que eu sou espera. No outro dia, na escola, pedi aos meus alunos que escrevessem sobre a solidão e, depois de devolver os trabalhos corrigidos, uma aluna veio ter à minha mesa com uma folha na mão e disse: “Professora, assinalai todas as perguntas que fez e gostaria de falar sobre elas”. De facto, junto de algumas afirmações dela, como: “Eu percebi que a solidão só pode ser vencida se a mascararmos, porque tenho medo de falar das minhas fragilidades, eu fui sempre traída”, escrevi: “Mas, tu és feliz assim? Porque é que agora não puseste uma máscara e te abriste comigo?”. Saímos da sala no final da aula e ela confessou que nunca tinha encontrado alguém que levasse a sério a sua ferida e que no terceiro ciclo quando, através de um tema dado, tinha pedido ajuda a um professor, ele tinha baixado a nota porque era “demasiado pessoal”. A seguir acrescentou: “Professora, eu fui traída muitas vezes e as minhas máscaras servem para me defender, mas não consigo resolver a minha solidão e desde que a conheci desejo ser amada e aprender a amar os outros de modo mais verdadeiro do que como eu faço”. Naquele momento, toda a minha necessidade ressurgiu e disse-lhe logo: “Eu também sou assim! Obrigada por me lembrares!”. Era isto o que eu esperava no meu trabalho! Um instante em que o coração repousa. Mas, no dia seguinte, aconteceram coisas que me fizeram imediatamente cair outra vez nos meus pensamentos e na tristeza. E o que tinha acontecido no dia anterior? Onde tinha ido parar? Então, pergunto-me: como aprender com a experiência? O que significa que podemos experimentar um repouso que “protege e exalta”? Parece-me que ainda preciso de descobrir esta minha necessidade para não depender do vento que sopra de um lado ou de outro. Mas como?

Maravilhoso! Podemos ver isto acontecer: a aluna espanta-se com o teu olhar, tu tens um sobressalto (porque era o que esperavas), mas um instante depois cais novamente “nos pensamentos e na tristeza” e, outra vez, não sabes como olhar para ti mesma. Isso identifica claramente a dificuldade que temos. A única maneira que aquela miúda encontra para a ultrapassar é mascarar a pergunta, a espera, a nostalgia; mas o que ela realmente quer é ser ela mesma! Por isso esperava ser alcançada por um olhar como o teu. Muitas vezes podemos deter-nos na constatação da nossa recaída nos pensamentos e na tristeza, mas esse não é o problema. O que me interessa é que tu aprendas com a tua experiência, senão, no dia seguinte é como se nada tivesse acontecido, apesar de ter acontecido. Por isso percebo o que disseste: “Parece-me que ainda preciso de descobrir esta minha necessidade”. Espero que esta noite possamos ajudar-nos a olhar para esta necessidade.

Uma pessoa que não poderia ligar-se escreveu-me que também ela tinha esta dificuldade: antes vivia a nostalgia “como uma maldição”. Mas agora, depois do trabalho destes anos na Escola de Comunidade, está a aprender duas coisas: a olhar para esta nostalgia – primeiro – “com curiosidade” e – segundo – “como um convite, uma possibilidade de encontro com o Mistério que é a carne das circunstâncias com que me deparo”. Para descobrir isto, precisamos de olhar para a experiência que fazemos, sem censurar nada. Mas é preciso tempo para perceber como é que aqueles momentos em

que “o coração fica perturbado” e se despedaça podem ser vividos – esta é a pergunta que ela coloca – “como um caminho e não como um obstáculo ao caminho”.

Estou inscrito na Fraternidade há três anos, mas ainda não tinha conseguido participar nos Exercícios presencialmente (por uma razão ou outra), por isso queria muito participar. Na sexta-feira à noite fiquei impressionado com o que disseste sobre a espera, e na manhã de sábado percebi concretamente o porquê: rezar as Laudes, rezar juntos, ouvir aquelas músicas fez surgir em mim, novamente e com força, toda a espera de felicidade que eu tinha para aquele dia, a ponto de dizer: “Hoje, quero mesmo ser feliz!”. Ficou muito claro que, na verdade, tenho sempre esta espera no coração, mas preciso de lhe dar tempo e espaço todos os dias para que ela venha à tona, sem a afundar ou sufocar nas preocupações quotidianas. E, por isso, estou muito grato pelos nossos gestos começarem sempre com orações e cânticos precisamente para nos ajudar a tomar consciência da espera que se encontra no nosso coração todas as manhãs. Além disso, fiquei muito impressionado com o poder de um gesto realmente vivido; como disse, gostaria de ter estado em Rimini para mergulhar neste gesto, mas estar em casa também foi uma grande ocasião. Na verdade, fiquei muito surpreendido porque até os momentos livres, quando não estávamos ligados, trabalhar ou estar com os amigos com quem acompanhava os Exercícios, foram vividos com uma intensidade surpreendente e nova. Era como se o dia inteiro fosse vivido dentro do acontecimento dos Exercícios; tudo era 'Exercícios', digamos. Tudo era vivido diante daquele acontecimento que me lembrava tão claramente aquilo para que sou feito e em que nível desejo ouvir o meu coração. Até os momentos desperdiçados (isso foi o que mais me surpreendeu) tinham essa intensidade. Dou um exemplo simples e quase tolo, mas que permaneceu na minha cabeça: num momento de cansaço, eu estava – como acontece todos os dias – no Instagram a perder tempo, com a falsa intenção de “relaxar”, quando, entre uma coisa e outra, enquanto fazia passar o ecrã, surgiu este pensamento: “Ah, sim, daqui a duas horas tenho que me ligar para os Exercícios”. E, de repente, foi como se tivesse sido resgatado, deixei o telefone de lado e voltei ao trabalho. É um exemplo pequeno, mas eu senti-me exatamente como a criança do exemplo que tu dás: quando ela está a fazer uma asneira, basta que o pai entre no quarto e imediatamente percebe a parvoíce que está a fazer. Os Exercícios foram um gesto que investiu todo o meu tempo naqueles dias, porque me convocavam à Presença diante da qual, assim como a criança diante do pai, é realmente simples lembrar-me de como quero viver.

É muito bonito o que tu descobriste sobre a natureza dos nossos gestos! Esta é a genialidade de don Giussani: ter criado gestos através dos quais somos introduzidos num tipo de experiência que nos faz perceber o que ele nos quer comunicar. Ao mergulhar nos Exercícios, tu percebeste que a espera de que falávamos estava a acontecer em ti. A resposta ao nosso desejo de viver não é uma explicação teórica, por mais correta que seja. Explicações não bastam, precisamos de mergulhar num gesto que nos faça experimentar o significado das palavras. É estupendo quando Giussani diz: “Uma definição [ou seja, uma explicação] deve dar forma a uma conquista já obtida, caso contrário seria a imposição de um esquema” (*Na origem da pretensão cristã*, Tenacitas, Coimbra, 2012, p. 79). Nunca me cansarei de o repetir, porque precisamos de conquistar o significado das palavras dentro da nossa experiência. Um gesto é a imersão numa experiência que nos faz perceber as coisas, por isso tu ficaste feliz com o que experimentaste durante os Exercícios: “Tudo era vivido diante daquele acontecimento”. Não só o acontecimento, mas, a partir dele, viveste tudo com a mesma espera. Tu disseste que naqueles dias os Exercícios investiram todo o teu tempo, porque te lembravam a Presença diante da qual é simples recordar-nos como queremos viver. Os Exercícios são uma experiência

humana que nos introduz ao significado, segundo o método de Deus: para nos fazer perceber o amor, o Mistério faz-nos fazer a experiência de sermos amados. Para nos fazer perceber a espera, o Movimento desperta-a em nós através das músicas e das coisas que nos dizemos.

Então, como descobrimos o valor da palavra “espera” no dia a dia? Vamos ver como o método é o mesmo, dos Exercícios à vida de todos os dias.

No domingo, fomos dar um passeio por ocasião do aniversário de um amigo. O dia correu bem: vimos coisas bonitas, comemos e divertimo-nos. Apesar disso, quanto mais o dia se aproximava do fim, mais crescia em mim uma grande nostalgia, um “buraco”, diria eu. Na viagem de volta, no comboio, podia reconhecer-me no verso do poema de Ungaretti: “O meu coração / hoje / não é senão / uma batida de nostalgia”. A tristeza era tão forte que me fazia chorar, e depois de alguns minutos tentando conter as lágrimas, tive de ceder e contar ao meu namorado, que estava comigo, a dor que estava a sentir. Aquele momento com ele foi o início da mudança: a presença de alguém fora de mim que perdoa os meus erros, que realmente me ama e diante de quem eu posso dizer que quero mais! Já não me sentia sozinha, mas havia alguém que me olhava com ternura. Durante o dia tinha ficado particularmente magoada por ter sido desagradável com uma amiga; pedi-lhe logo desculpa, mas as desculpas não foram suficientes para eliminar a medida que eu tinha sobre mim. Depois, recebi uma mensagem daquela amiga: escreveu que aquele “desculpa” que lhe tinha dito tinha sido o único momento do dia em que se tinha sentido olhada. Não queria acreditar: ela estava a dizer aquilo precisamente a mim, que me sentia condenada! Depois dessa mensagem, ajudámo-nos uma à outra a perguntar o que tinha faltado naquele dia: ela disse-me que durante a viagem de regresso, no carro em que ela estava, todos tinham falado dessa nostalgia, tal como eu, e que a partir daquela tristeza nasceu um diálogo entre eles. Nasceu no meu coração uma ternura desproporcionada por todos aqueles que tinham passado aquele dia comigo; sentia-os muito mais amigos do que quando saímos. Graças a isto, pude realmente perceber o que diz o texto da Escola de Comunidade: “As perguntas últimas e constitutivas [...] que se dirigem ao fundo do nosso eu, representam o ponto com que comparamos cada proposta, cada perspectiva, cada encontro” (Há esperança?, Cap. 1). Involuntariamente tinha-o vivido, e por isso tinha ficado infeliz por causa de uma não-correspondência. Mas o que, no fim, virou tudo do avesso, sobretudo o olhar sobre os amigos, foi perceber, recordando também a Diaconia que nós, universitários, fizemos contigo, que a inquietude que eu sentia, tornava-se, graças à companhia daqueles amigos tão audazes, o critério para interceptar aquilo para o que meu coração é feito e já não era uma condenação ou uma medida sobre mim.

Disto que contaste, impressiona-me que a nostalgia, que poderia ter arruinado o dia, foi precisamente o que o tornou mais intenso, na relação contigo própria e na relação com os amigos. Como vemos, é uma experiência que nos introduz ao significado das coisas que temos dificuldade em olhar (a tristeza, a espera, a nostalgia). A partir do reconhecimento da tristeza que experimentaste nasceu um diálogo entre vocês e “uma ternura desproporcionada por todos os que passaram aquele dia comigo, sentia-os muito mais amigos”. Muitas vezes parece-nos que estas experiências humanas (a tristeza, a nostalgia, a espera) arruinam o dia, quando na realidade são precisamente as coisas que dão intensidade à relação com tudo! Quando vivemos esta experiência começamos a perceber um bocadinho mais porque é que o Mistério nos fez assim como somos.

Olá a todos. Tinha acabado de escrever o meu contributo para esta Escola de Comunidade, no qual dizia que, do alto dos meus sessenta e um anos, posso finalmente cantar a minha libertação: de facto, aceitar o desafio do real arriscando este critério – que não é o meu e, no entanto, é meu –, é o único caminho que me permite dizer “eu” e responder positivamente à pergunta: “Há esperança?”. De seguida, citava duas experiências: uma, trágica (há uns dias, um jovem de dezanove anos, depois de ter gritado “eu sou deus”, entrou na sua antiga escola e começou a atirar, ocasionando um massacre), e outra, que aconteceu no trabalho, de uma beleza incrível e pacificadora, que percebo como uma “passadeira” privilegiada que me leva ao destino. Por fim, a descoberta de que ambas as experiências são habitadas por uma nostalgia infinita, o único critério para surpreender e mendigar Cristo no instante presente. Bem, tinha acabado de escrever, quando me deparei, inesperadamente, com uma página de don Giussani sobre a tristeza, de tirar o fôlego: “Que a vida seja triste é o argumento mais fascinante para nos fazer perceber que o nosso destino é algo maior, é o maior mistério. E quando este mistério vem ao nosso encontro, [...] [o] fascínio torna-se cem vezes maior.” Lindo! E, logo a seguir, continua: “Não nos tira a tristeza”, tanto a nossa, como a dos apóstolos. Primeiro golpe: eu pensava que ele a tirava e eu justificava-o por achar que o pensamento de Giussani fosse “mais letícia, menos falta”! Mas não, o pensamento de Giussani é completamente outro: “A tristeza é a condição que Deus colocou no coração da existência humana para que o homem nunca se iluda tranquilamente com a ideia de que aquilo que ele tem pode bastar-lhe. [...] A tristeza faz parte integrante, não da natureza do destino do homem, mas da existência do homem, isto é, do caminho para o destino, e está presente a cada passo. Quanto mais amares este passo, quanto mais este passo for belo para ti, quanto mais for encantador para ti, quanto mais for teu, mais percebes que te falta aquilo que mais esperas” (É possível viver assim?, Vol. III Caridade Tenacitas, Coimbra, 2007, p.p 86-87). É outro mundo! Que é exatamente o que me falta! Ou seja, perceber qual é o papel da tristeza, da falta e da nostalgia, para o nosso caminho rumo ao destino. E como eu tenho dificuldade em perceber qual o seu lugar no desígnio de Deus, suporto a falta ou elimino-a, em vez de a amar porque nos leva ao destino.

O trecho que tu leste confirma mais uma vez o que eu disse no início, citando aqueles trechos de don Giussani, que sempre teve um olhar cheio de atenção para com os aspectos fundamentais que constituem o tecido da nossa humanidade. O facto de ter lido Leopardi quando era muito jovem, durante um ano inteiro, mostra como ele sentia decisivas para a sua vida as experiências tão humanas que via documentadas em Leopardi. Porque é que a tristeza é tão importante? Porque para don Giussani é “um instrumento significativo do desígnio de Deus” (*É possível viver assim? Vol. III Caridade*, op. cit., p. 86) para nos fazer perceber o que somos e o que esperamos. Devemos amar a nossa falta, a nossa nostalgia, precisamente porque, no desígnio de Deus, são parte do caminho para o destino. Mas essa tristeza, que podemos perceber teoricamente ou definir com palavras (todos nós “estudamos” *O Sentido Religioso*), muitas vezes é como se nos incomodasse, porque não sabemos qual é o seu lugar na nossa vida. Giussani diz que se eliminamos alguma coisa da realidade, não conseguimos dar uma explicação adequada de todos os fatores da experiência. Por isso, não elimina nada, mas descobre – este é o trabalho que também nós devemos fazer – o lugar de tudo no desígnio de Deus. E isso torna tudo diferente, torna sua, minha, cada coisa, como se dizia antes.

Normalmente, o que nos falta é justamente este olhar de ternura para com a nossa humanidade. Uma frase de don Giussani que identifica o que nos falta a nós, cristãos modernos, marcou-me sempre: “Nós, cristãos, no ambiente moderno, não fomos afastados directamente, das fórmulas cristãs ... não dos ritos cristãos, ... nem das leis do decálogo cristão, ... Fomos afastados do fundamento humano,

do sentido religioso. Temos uma fé que deixou de ser religiosidade. Temos uma fé que já não responde como deveria ao sentimento religioso; isto é, temos uma fé [atenção!] não consciente, uma fé que já não inteligente em si” (L. Giussani, “*La coscienza religiosa dell’uomo moderno*”, Chieti, 1986, em A. Savorana, *Luigi Giussani. A sua vida*, Tenacitas, Coimbra, 2017, p. VI). Por isso, muitas vezes, como dizia o primeiro contributo que li, temos dificuldade em falar sobre o medo, sobre o mal-estar e a angústia; ou queremos excluí-los, porque não sabemos dar-lhes um lugar. Ao passo que o humano que há em nós é fundamental para a forma como Giussani percebe o cristianismo e a fé! Por isso, interessa-nos perceber realmente o lugar que todas estas experiências humanas têm no desígnio de Deus.

Olá, boa noite a todos. Retomar os dois primeiros capítulos do livro dos Exercícios foi, para mim, a reabertura de uma ferida, porque fala, de um modo muito forte, sobre uma coisa que – devo admitir – talvez sempre tenha existido, e seja um ponto não resolvido. A coisa inesperada que começo a vislumbrar é que este ponto não resolvido é recurso e não objeção para um caminho, é a possibilidade de eu despertar como consciência, razão e afeição, ou seja, oportunidade para uma disponibilidade ao Mistério dentro das coisas quotidianas e não uma coisa a ultrapassar de uma vez por todas. A partir deste levar-me a sério, posso dizer que o dia começa, e recupera-se várias vezes, com intensidade: nada é tirado à inquietude que não me deixa tranquilo, mas passo a passo conduz-me a uma relação com a realidade, uma relação com o presente, uma ligação. Reconheço que a responsabilidade, como decisão da liberdade, é sempre possível e, em alguns momentos, posso experimentar o seu poder, mas também é a coisa mais frágil, porque está nas minhas mãos. Qual é o segredo para não perder esta posição dentro das coisas do dia a dia? Se a companhia não me substitui nesta decisão, qual é o valor da nossa companhia?

A primeira coisa a observar é que é esta companhia que te está a introduzir a olhar para todas estas experiências tão humanas não como uma objeção, mas como um recurso. Isto é o que tu menos esperarias de um gesto como os Exercícios! Este é o valor da companhia, esta é a ajuda que te dá: introduz-te, como Jesus introduzia os discípulos, a olhar para o abismo da tua humanidade: “Que adianta a alguém ganhar o mundo inteiro, mas perder a sua vida?”. Cristo, como *don* Giussani nos ensinou, olha para nossa humanidade com ternura. Ninguém leva a nossa humanidade a sério como Jesus. Por isso, a nossa companhia tem como propósito introduzir-nos a olhar para a parte da nossa humanidade que gostaríamos de – como disse a aluna da nossa amiga – “mascarar”, que gostaríamos de constantemente deixar de lado, que percebemos como um obstáculo; ajuda-nos a mudar o nosso olhar sobre o humano que está em nós. Podemos participar da vida do Movimento “há séculos” e ainda olhar para a nossa humanidade como um obstáculo, como algo a ser deixado de lado, como um sinal de “imaturidade”. Como se esperássemos, pouco a pouco, eliminá-la definitivamente. Mas, ao contrário, Jesus desperta a nossa humanidade. Como disseste: desperta o teu eu com todas as suas suas exigências e, portanto, com toda a sua nostalgia, com toda a sua falta – “De que falta é esta falta, /coração?”, disse Luzi (“De que falta é...», em *Sotto specie umana*, Garzanti, Milão, 1999, p. 190) – porque sem isso tu não serás capaz de interceptar em cada passo do seu caminho Aquele que vem responder-te. Este é o contributo que podemos dar hoje a tantas pessoas que encontramos (com as suas feridas e tentativas de esconder – de “mascarar” – o mal-estar que sentem): olhar para elas de um modo diferente.

Fiquei muito impressionada com a frase que tu nos disseste logo no início dos Exercícios: o impacto com as circunstâncias é inevitável, mas que esse impacto se torne uma provocação não é óbvio. É verdade, é outra coisa viver as circunstâncias como uma provocação para mim. Observando-me em ação, percebo que na minha vida tudo é um diálogo, sempre: eu nunca sou a mesma, a realidade que vem ao meu encontro nunca é igual. Reconhecer um diálogo, acolher a provocação da realidade tem uma origem em mim. A coisa maior que me aconteceu foi precisamente este dom, esta graça: poder abrir o véu da realidade, poder ver o que há dentro, ou seja, poder sempre, em qualquer circunstância, diante de qualquer facto, de qualquer aspecto meu, fazer um pedido de significado. A minha esperança está nisto, na certeza desta pergunta inextirpável e sempre possível, que abre um caminho na realidade e me coloca em diálogo, coloca-me diante da certeza de uma Presença que está em diálogo comigo. Há momentos em que eu iria até o fim do mundo apoiada só nesta certeza, e momentos em que eu só consigo defender-me da realidade “excessiva” que vem ao meu encontro e que tenho um medo louco de atravessar por aquilo que é, tal como se apresenta. Nestes casos, eu bloqueio a realidade, manipulo-a, sobreponho-lhe os meus esquemas para me salvar da vertigem, da espera diante da qual não sei permanecer. É uma luta instante a instante, uma luta entre a minha imagem (e a minha tentativa de a alcançar) e esta espera pura! Há dias, num lindo domingo de sol, travei mesmo uma luta entre a minha ideia do que me faz feliz e aceitar aquilo que me era dado, que não era o passeio na montanha que eu queria. Fiz de novo o pedido de um significado à altura, não me escondi dessa luta, procurei ver cada traço d’Ele para redescobrir que Ele me espera no lugar em que estou, para não perder aquele dia atrás de pensamentos que me arrancam do presente. Que luta! Penso na minha irmã, que se tornou mãe recentemente: para ela, que tem um coração quase tão inquieto como o meu, não é um esforço aceitar aquilo que existe, porque o que existe é aquela criança que lhe foi confiada e de que só ela pode cuidar. Imagino que alguns dos seus dias são absolutamente normais, sem os fogos de artifício que normalmente confundo com o significado, com o valor dos meus dias. E como é para mim, que estou a fazer o caminho da vocação nos Memores Domini? Não tenho também eu uma coisa a cuidar, a responder, não tenho também eu algo que me solicita? Tenho, e é esta relação viva que posso decidir fazer crescer ou negligenciar. É um diálogo com o Amado, que me toma novamente através de mil instantes que são uma reverberação d’Ele. Eu agradeço-te, porque o teu sim, como o sim de um verdadeiro amigo, a esta relação com Ele é a maior ajuda que posso receber.

“Olhando-me em ação, dou-me conta”: este é o método ao qual Giussani nos introduz constantemente. Quando vivemos intensamente a experiência humana, quando vivemos intensamente o real, descobrimos como as coisas acontecem e qual é o seu significado. Quando partimos da experiência, observando-nos em ação, o que descobrimos? Que é verdade tudo o que nos dizemos: é outra coisa viver as circunstâncias como uma provocação para mim, tanto assim é que, quando tu vives assim – como contaste – irias “até o fim do mundo apoiada só nesta certeza”, neste modo de viver o real. E quando isso falta, tu defendes-te da realidade por “um medo louco”. Giussani quer que saboreemos a realidade inteira, mas para que isso aconteça é preciso arriscar na realidade, vivendo-a como uma provocação. Para quê? Para um diálogo com o Mistério que faz a realidade, que está no fundo da realidade, “um diálogo com o Amado [...] através de mil instantes que são uma reverberação d’Ele”. Tudo se torna ocasião de diálogo com esta Presença. Sem experiências como as que vocês estão a contar, o diálogo com esta Presença permanece uma coisa formal e, desse modo, não podemos ver como a fé é a resposta exaustiva ao pedido, à exigência de diálogo com o Mistério. Esta é a luta em que embarcamos todas as manhãs. Uma luta que não acaba.

Pertenço à Fraternidade de todo o coração, certa deste precioso caminho que Deus me deu, desde os meus quinze anos. Agora tenho 57, e o gosto que experimento agora na vida quotidiana é incomparável ao da minha juventude.

Estão a ver? O melhor ainda está para vir!

Nos últimos anos, sobretudo após a morte do meu pai, o Senhor atrai-me com uma fome e sede d'Ele que sempre estiveram presentes, mas são cada vez maiores. Experimento no meu eu esta companhia amorosa (digo isto sussurrando, cheia de temor) que é outro que me acompanha nas coisas banais do dia a dia que, com Ele, se transformam (às vezes) em pequenos milagres através dos quais Ele me diz: "Estou aqui!". Vou direta ao ponto. Nos Exercícios, vivi uma grande contradição. No sábado à noite fui para a cama com uma tristeza infinita. Pensei: "És tu que te afastas...". Falta-me – parece-me – aquele nível da fé que acontece no eu depois (não no sentido temporal) de tê-Lo visto na humanidade mudada e no "lugar". Sinto-me como se estivesse apertada entre barras. O passo seguinte que dei foi reconhecer que a contradição do meu coração – que, não posso negar, às vezes se sente apertado – não é uma objeção, e eu posso amar o Movimento e este meu estranho caminho. Perfeito. Vês? Com o passar do tempo, à medida que avanças no caminho, o gosto que sentes na vida de todos os dias é incomparável ao da tua juventude. Porquê? Porque tu estás cada vez mais atraída pelo Senhor "com uma fome e sede d'Ele" que te chamou para viver na Sua companhia. Mas isto nunca acaba, e podes sentir uma nostalgia e uma tristeza até nos Exercícios; e, então, isso parece-te uma contradição quando, ao contrário, é Ele que te faz fazer, mesmo durante os Exercícios, a experiência da tristeza para te perguntar: "Tu não sentes a minha falta?", para te atrair ainda mais a Si. Não é uma contradição. E no entanto, depois de termos experimentado o gosto que cresce, ainda achamos que isso está em contradição com a nossa fome e sede. Não, é a modalidade através da qual, precisamente no gesto dos Exercícios, o Senhor te chama de modo ainda mais forte: "Tu não sentes a minha falta?". E então faz-te dar, precisamente enquanto fazemos os Exercícios, um passo de consciência, dizendo-te: "Estou aqui". Ele está aqui à tua espera.

Olá. Durante um encontro da casa, uma amiga fez uma pergunta para mim muito interessante. Retomando um trecho do segundo capítulo dos Exercícios da Fraternidade – quando tu citas Simone Weil, que diz: "Os bens mais preciosos não devem ser procurados, mas esperados" –, ela perguntou: "Como é possível procurar sem esperar? Parece-me que as duas coisas não podem ser separadas. O que acham?". Esta pergunta foi uma grande provocação para mim e lembrei-me logo de uma frase que a minha mãe me dizia sempre quando eu era pequena: "Nada é suficiente para ti, tu nunca estás satisfeita e estás sempre à procura de alguma coisa, estás sempre à procura". O que ela me dizia é muito verdadeiro: eu era, e ainda sou, muito inquieta, mas para mim, hoje, há uma enorme diferença relativamente àquela época. Houve um tempo em que eu procurava alguma coisa ou alguém (já que ela se referia principalmente aos afetos) de modo confuso e desesperado; hoje espero, porque aquilo que eu então procurava tem hoje um nome para mim, um rosto. Depois do encontro com Cristo, eu já não procuro de maneira confusa, mas espero e procuro-O em tudo o que acontece à minha volta. Para mim, o encontro com Cristo é um ponto do qual já não é possível voltar atrás: é Ele quem põe no meu coração a espera de poder reencontrá-Lo sempre. Já não estou sozinha, e sinto-me uma "investigadora" privilegiada, que tem nas mãos e no coração o maior tesouro da vida.

Aqui está a descoberta da grande diferença: perceber porque temos esta espera mesmo depois de ter feito o encontro cristão! Quem a desperta em nós? Cristo! Dizemos sempre que o nosso eu desperta

num encontro. Enquanto o poder tenta reduzir o desejo e esvaziar as perguntas, Cristo exalta o desejo, exalta a nostalgia, exalta a falta. Essa é a diferença. A questão é que agora, como quando uma pessoa se apaixona, tu tens um nome e um rosto diante do qual viver a nostalgia: “Depois do encontro com Cristo, eu já não procuro de maneira confusa, mas espero e procuro-O em tudo o que acontece à minha volta. Para mim, o encontro com Cristo é um ponto do qual já não é possível voltar atrás”. Esta é uma fé que não perdeu o sentido religioso pelo caminho, uma fé que não foi separada, como dissemos antes, do fundamento religioso. Uma fé que não tenha religiosidade, um fundamento religioso, que não responda como deveria ao sentimento religioso (como acontece ver hoje) não interessa a ninguém! Por isso, é crucial perceber o que acontece em nós. Muitas vezes esperamos que Cristo elimine a nostalgia, a tristeza ou a falta que somos. Mas se fizesse isso, comportar-se-ia como o poder, que reduz o nosso eu e nos esvazia do humano que há em nós. Ao contrário, para que ninguém nos engane, Ele exalta o nosso eu e liberta-nos de qualquer tentativa do poder para nos agarrar. O Único que pode agarrar-nos é Aquele que corresponde à espera do coração, com uma fé que tem dentro a religiosidade.

Passaram-se décadas desde que, encontrando o Movimento, descobri (graças à Escola de Comunidade) que eu sou espera. E hoje? Hoje, esperar é o meu verdadeiro trabalho quotidiano. Com o tempo – graças a toda a história que vivi aqui – descobri que todas as vezes que fazia uma lista das “coisas-coisas”, aquelas coisas “concretas-concretas” que eu esperava e desejava, havia sempre alguma coisa mais que eu esperava; algo inesgotável a que não podia por limites. Havia, há o Tu. Toda a espera se tornou trabalho, e não no final, quase como exaustão por causa daqueles pedidos, mas dentro daqueles pedidos: E então? Agora, Tu. Hoje a espera é precisamente aquele pedido, o pedido no coração da alvorada quotidiana: “Tu, rasga os céus e desce! Agora, hoje!”. E vivo à procura, dentro do meu dia, do sussurro quase imperceptível do Seu alento.

É de deixar sem palavras! Cada manhã é “espera [...] no coração da alvorada quotidiana”, e a partir desse momento, passa o dia “à procura do sussurro quase imperceptível do Seu alento”. Que intensidade adquire, então, qualquer instante! Se eliminarmos a espera, um testemunho como o que acabamos de ouvir será apenas um sonho, e os dias tornar-se-ão insonhos, insuportáveis. No entanto, basta “um sopro”, como vimos noutros momentos da Escola de Comunidade, para que tudo desperte novamente e a vida se torne uma procura, a cada instante, “do sussurro quase imperceptível do Seu alento”. Quem não gostaria de viver assim cada instante?

Avisos:

Escola de Comunidade. A próxima Escola de Comunidade por videoconferência terá lugar na quarta-feira, 16 de junho, às 21h.

Neste período vamos trabalhar sobre o 3º capítulo do livro dos Exercícios, *Há esperança?* O PDF deste capítulo estará disponível em italiano e nas principais línguas a partir de amanhã, no site de CL. A versão em áudio estará também disponível.

A partir de 3 de junho [*em italiano*], o livro *Há esperança? O fascínio da descoberta* estará disponível para compra nas livrarias e nas principais lojas online, nos formatos papel e e-book.

Férias de verão. Muitas comunidades desejam ou já se estão a organizar, para propor períodos de férias para este verão. Antes de decidir se “se faz ou não se faz”, em que condições, etc., gostaria que cada

um se confrontasse até o fundo com a experiência vivida neste tempo, para que dali nasça o critério para as férias.

Como vimos esta noite, precisamos de olhar para a experiência que fizemos para não a perder, também no modo de viver as férias. Tomo como exemplo os recentes Exercícios da Fraternidade. Recebi muitas cartas de pessoas que testemunharam a experiência de unidade, de companhia, de povo, feita este ano. Todos sabemos em que condições os vivemos, mas que raiz profunda tem a experiência de companhia (ouvimo-lo também esta noite) que o Movimento nos propõe, se é possível vivê-la nas diferentes condições, como a vivemos durante este período de pandemia! Quantos entre nós podem testemunhar esta experiência este ano, seja qual for a forma como nos fizemos companhia (através da Fraternidade, dos amigos, da Escola de Comunidade, etc.). Quem fez experiência da “raiz profunda” da companhia, do “sussurro do Seu alento”, deu-se conta da grande liberdade que ela gerou e gera; e também da criatividade que suscitou, dentro das circunstâncias em que cada teve que viver. É com isto que nós podemos enfrentar as férias, na condição em que nos encontramos.

A nossa consistência, portanto, não está no “fazer” ou “não fazer”, mas na descoberta de qual é a verdadeira companhia de que precisamos (como dissemos antes), aquela que nasce do reconhecimento de uma Presença que se chama “fê”. Só este reconhecimento cria verdadeira comunidade.

Cada um, confrontando-se com esta experiência, avaliará em plena liberdade e responsabilidade se e como será possível juntar-se este verão: só partindo da verificação que fizemos da nossa experiência de real satisfação, seremos livres em relação às modalidades de viver as férias numa circunstância que se apresenta ainda complexa, objetivamente falando. Todos gostaríamos que a situação se resolvesse, que as perspectivas fossem mais definidas e as condições fossem tais que nos dessem 100% de segurança de um certo tipo de iniciativa ser ou não oportuna. Nós queremos em primeiro lugar olhar para os factos, não opor resistência, mas olhá-los de frente. E os factos dizem-nos que há uma melhoria geral da situação de saúde pública: felizmente, há cada vez mais sinais de uma melhoria, uma luz ao fundo do túnel. Estaremos atentos e, como todos, esperamos que as coisas se resolvam o mais rápido possível. As restrições estão a ser aliviadas, mas com cautela; e seria irresponsável e superficial pensar no verão como um “tudo ok”. O próximo mês será decisivo para perceber como a situação se vai desenvolver. Por isso, é preciso usar a razão e a própria responsabilidade até o fundo.

Cada um de nós, com base nestes critérios, avalie se propor ou aderir a férias de pessoas e famílias, sob a sua exclusiva responsabilidade e no respeito de todas as normas vigentes. Estas indicações valem para todos: adultos, universitários, liceus e cavaleiros.

Para que sejam realmente férias, ou seja, um momento de descanso e de companhia verdadeira ao destino, sugiro-vos em primeiro lugar tomar a sério as propostas que fazemos, por exemplo, aprofundar o conteúdo dos livros sugeridos e encontrar pessoas que possam testemunhar melhor o caminho de Escola de Comunidade feito este ano.

No site do Movimento encontrarão nos próximos dias o texto, conhecido, mas que é sempre útil retomar, “Férias, o tempo da liberdade”, que tem uma síntese daquilo que *don* Giussani sempre tomou muito a peito e sempre indicou para viver este tempo. “As férias devem ser o mais livres possível. O critério das férias é respirar, se possível a plenos pulmões”, disse ele em 1997. A promessa é o aumento da autoconsciência: apostemos no que realmente nos importa e quando voltarmos contarmos o que nos aconteceu.

Livros para o verão. Para este verão propomos a leitura dos livros abaixo, todos disponíveis também em e-book. Na *Tracce* de junho encontrarão a apresentação de todos eles.

- O primeiro que sugerimos é *Attraverso la compagnia dei credenti*, de don Giussani, edições Bur, que reúne as lições e os diálogos de don Giussani nos Exercícios de Fraternidade de 1994 a 1996.
- Depois, *Ho fatto tutto per essere felice. Enzo Piccinini, storia di un insolito chirurgo*, de Marco Bardazzi, edições Bur.

Além destes, seguindo a sugestão que don Giussani tantas vezes nos deu, pensámos repropor dois textos “clássicos”:

- *O ufficio de viver*, de Cesare Pavese, Relógio d’Água, editores, fevereiro 2004.
- *Diário de um pároco de aldeia*, de Georges Bernanos, edições Paulinas, novembro 2016.

Como ouviram nos Exercícios, onde citei algumas passagens, estes são dois exemplos de homens que, pela sinceridade que têm ao descrever a experiência humana, nos ajudam a lidar com a nossa humanidade, a não ceder ao torpor.

Meeting de Rímíni. Gostaria de lembrar que desde 15 de maio estão abertas as inscrições para o trabalho voluntário, que terminarão em 15 de junho. Para todas as informações, consultem o site do *Meeting para a amizade entre os Povos* ou entrem em contacto com a Secretaria dos voluntários no endereço: volontari@meetingrimini.org.

Centenário do nascimento de don Giussani e aviso de concurso. Convido-os a ler o artigo publicado no site do Movimento, que resume o que dissemos nos Exercícios quando fizemos a apresentação das celebrações do centenário do nascimento de don Giussani. Gostaria também de informar que, entre o final de maio e o início de junho, será publicado o aviso do Concurso Internacional promovido pela Fraternidade de CL, com prémios para os graus de mestrado e doutoramento, sobre a figura e a obra de don Giussani. Sobretudo para aqueles que trabalham em universidades, é uma boa oportunidade para despertar o interesse em torno de don Giussani e promover o estudo do seu pensamento. O concurso é internacional, portanto pode ser divulgado nas universidades do mundo inteiro.

Veni Sancte Spiritus

Boa noite a todos.